

## Instituto Kuanza dá início a curso de formação de docentes



O curso está sendo oferecido para professoras e professores do município de Mairinque em parceria com a empresa Fersol e a Secretaria Municipal de Educação da cidade. Está focado no tema das Relações Raciais e de Gênero e Educação para a Comunicação".

Pág. 4

### Notícias Kuanza

O Instituto Kuanza integra Conselho da Imprensa Social, programa de responsabilidade social da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Pág. 3

### Brasil

Meios de comunicação desempenham papel importante no combate à violência.

Pág. 5

### Notícias Kuanza

Mãe Stella, zeladora do Axé Opô Afonjá, completa 80 anos.

Pág. 3

## ARTIGO

## Carta aberta a um Mano São Paulino

Cidinha da Silva\*



E aí Mano, firmeza? Cê tá com tudo e não tá prosa, tô vibrando com o seu sucesso: atacante da seleção paulista 2005, vencedor do campeonato mais competitivo do país, estréia na Seleção substituindo Romário e fazendo gol.

Mas quem treta o negócio do argentino te chamar de macaco e tal, a prisão, várias opiniões, quase todas dizendo que houve exagero, que a lei não se cumpre no Brasil e só se

cumpriu nesse caso porque cara era argentino. Até mestre Tostão, que tem reflexão, refinamento, generosidade para corrigir e bom humor, viajou na maionese do exagero. Muitos craques, aqueles que desempenham de maneira exímia as suas funções, reforçaram essa tese. E, como não poderia deixar de ser, muito “cabeça de bagre” pegou carona na opinião de gente que pensa. Um dos poucos a fazer gol de placa foi mestre Sócrates que, por meio de análise abrangente, demonstrou compreender a complexidade da discriminação racial. O mais foi a lucidez do jornalista Jorge Kajuru para desconstruir as falas equivocadas do rei Pelé. Puta pressão, né Mano?

Eu tremi nas bases quando li numa edição do Lance, cerca de quatro dias depois do acontecido, que você pretendia retirar a queixa.

Pensei: “ele não é Romário, mas é o cara”, não pode perder a chance de

fazer História. Pô Mano, depois do Fluminense entrar em campo contra vocês com aquela faixa “alma não tem cor, abaixo a discriminação” e a camiseta do Timão num jogo posterior, “Corinthians contra o racismo”, rapaz, eu arrepiei. Agradei por Coutinho, Ademir da Guia, Clodoaldo, Jairzinho, Wladimir, Reinaldo, Toninho Cerezo, Vanderlei Luxemburgo, Dida e tantos outros, principalmente os goleiros negros, amaldiçoados desde a perda da Copa de 50, terem vivido para ler essas mensagens. Pena que Barbosa, a bola da vez do racismo da época, morreu sem lavar a alma.

A despeito dos equívocos, tá valendo, não é Mano, porque, repare, mesmo supondo que a alma não tenha cor, quando encarna num corpo negro, numa sociedade racista, como a brasileira, não tem neutralidade certa, é alma de negrão e de negrona, portanto, discriminada igualmente, porque o corpo negro empresta sua negrura à alma. Mas, tudo bem, é um recurso muito filosófico pra um campo de futebol. A coisa boa é que você se manteve firme, mesmo com as pressões que devem ter vindo de todos os lados, inclusive de pessoas brancas próximas, achando que você ficaria exposto ao continuar mexendo no vespeiro.

Senti muito orgulho de você, Mano, da sua determinação. Ogun Patacori, meu general. Em vários momentos da sua guerra, que também é nossa, travada tão solitariamente, vi papai sorrindo em seu trono, lhe dando luz e força pra perseguir a justiça. Embora você pareça ser D'Ogun, não é um homem de ferro, por isso, muitas vezes durante este episódio, lhe vi menino, assustado e frágil, como um pequenino Mutalambô. Duvidei do dia em que lhe apelidaram Grafite por ser você um ás da arte de “grafitar”. Conversa pra boi dormir e pra lembrar que se tratava de um grafiteiro preto. Hum, esse povo vem com o milho e meu angu já tá pronto. Assim Mano, lhe chamo mano e desejo que você fique em paz. São 4Ps: poder para o povo preto!

\*Historiadora, diretora de Ações Afirmativas do Instituto Kuanza, liderança Avina.

## EDITORIAL

Na sua segunda edição, o boletim *Kuanza* saúda o público-leitor pelas cartas enviadas à nossa redação. Se, como diriam os antropólogos, o dom solicita o contradom, chegou a nossa vez de retribuir a “beleza do gesto” de todos(as) que nos escreveram ou ligaram.

O nosso agradecimento vem expresso na *forma*, ou seja, estamos, a cada edição, procurando definir a fisionomia, o ponto de equilíbrio do boletim para que ele se torne algo aprazível para a leitura. As reações positivas e críticas ao número zero do informativo, a nossa primeira ferramenta de comunicação a circular publicamente, foram um termômetro importante para a definição de uma identidade visual. Será, assim, por meio de novos traços e paginação, que buscaremos o tom deste jornal. Neste número, apresentamos uma nova cara, uma outra forma preenchida com conteúdos que estejam afinados com o nosso compromisso editorial.

Na reportagem de capa, como se vê, anunciamos satisfatoriamente o início de mais um projeto do Kuanza. Trata-se de um curso de formação de professoras e professores “Relações Raciais e de Gênero / Educação para a Comunicação”, realizado em parceria com a empresa Fersol e a Secretaria Municipal de Educação de Mairinque. Iniciado em 30 de abril, o curso apresenta uma proposta inovadora: procura oferecer formação continuada nas áreas de relações raciais e de gênero, com conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira propostos pela Lei 10.639/03 e o tema da educação para a comunicação. Esse tripé sobre o qual ele se sustenta oferece elementos importantes para o desvelamento do racismo e do sexismo em suas várias faces.

Além do curso de formação para professoras e professores, noticiamos, também, a participação do Instituto Kuanza no Conselho Editorial da Imprensa Social, um programa de responsabilidade social da Imprensa Oficial que visa a publicação de trabalhos das organizações não-governamentais, a festa dos 80 anos de Mãe Estela, zeladora do Axé Opô Afonjá, em Salvador, a importância da mídia para o debate sobre a violência no Brasil e a Semana de Consciência Negra da Faculdade de Educação da USP, que teve a participação de Cidinha da Silva.

Em seu sentido “primeiro”, texto refere-se à antiga técnica do tecer. Os textos aqui construídos/publicados procuram tecer os fios das nossas ações em seus desdobramentos diários. Combinando, enredando, como faz o texto, as notícias vão construindo redes de relações que resultam nesse tecido sobre o qual o Instituto Kuanza tece a sua história em que você, leitor(a), atua para o bom funcionamento do mecanismo da tecelagem, nos fornecendo os fios condutores para a nossa narrativa. Agradecemos a vocês pelo carinhoso retorno. Obrigada!

Rosane da Silva Borges

Jornalista, diretora de Comunicação e Pesquisa do Instituto Kuanza

## Expediente

**Boletim Kuanza** – Boletim Informativo do Instituto Kuanza  
Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 2001, Bloco 77  
Alto de Pinheiros - São Paulo - SP  
(55 11) 3021.4008 instituto.kuanza@uol.com.br

**Diretoras:** Cidinha da Silva, Rosane Borges, Rosa Vani Pereira, Valéria Borges, Uju Anya

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Rafael Luiz Ferreira

 **KUANZA NO MOVIMENTO DO MUNDO**

# Instituto Kuanza integra Conselho da Imprensa Social

Rosane da Silva Borges

Imprensa Social é o novo selo da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo lançado para livros editados em parceria com ONGs de atuação nas mais diversas áreas. O objetivo é ampliar o acesso à informação de interesse público e dar oportunidade para que o trabalho das organizações não-governamentais seja mais conhecido e valorizado como referência para a implantação de políticas públicas. São publicações voltadas para a área de educação, saúde, comportamento, meio ambiente, questão de gênero e racial.

Para decidir os critérios da seleção dos livros enviados pelas Ongs foi criado um Conselho Editorial, composto por representantes da Imprensa Oficial e das organizações parceiras. O Kuanza integra o Conse-

lho Editorial juntamente com a Unesco, ISA (Instituto Socio Ambiental), CENPEC, CEDAC, Ação Educativa, Ashoka. Desde que foi criado, Imprensa Social publicou 10 livros e aprovou 18. O livro *Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro* é uma organização de Rosane Borges, diretora de Comunicação e Pesquisa do Kuanza, e Flávio Carranço, jornalista e coordenador da Cojira-SP (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial). A obra foi indicada para concorrer ao prêmio Jabuti. Além de *Espelho Infiel*, livro que foi lançado com o selo Geledés, será publicado também *O caminho das matriarcas*, de Maria do Rosário. Este último trata da tradição matriarcal das mães de santo da Casa das Minas e de Nagô de São Luís (MA).

Hubert Alquéres, presidente da



Imprensa Oficial, destaca a importância da iniciativa: "Cada projeto da Imprensa Oficial procura atender às diretrizes do governo do Estado, ressaltando valores como qualidade, modernidade e compromisso social. O selo Imprensa Social nasceu nessa linha, justamente para apoiar projetos dessas organizações, que geralmente têm grandes dificuldades para conseguir publicar trabalhos sérios e de interesse para a comunidade".

## NOTÍCIAS KUANZA

## Boletim KUANZA

Cidinha daSilva e Rosane da Silva Borges

O Grupo Nzinga de Capoeira Angola e o INCAB - Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e de Tradições Educativas Banto no Brasil, primeiro parceiro do Instituto Kuanza, completaram, respectivamente, dez e três anos de história. Parabéns e vida longa!

O Instituto Kuanza firmou acordo de parceria com a Associação Baobá de Canto Coral nas áreas de arte, educação e articulação comunitária.

No dia 10 de maio, Cidinha da Silva palestrou sobre o tema "Histórias e Perspectivas dos Movimentos Negros no Brasil e na USP". O evento ocorreu no auditório da Faculdade de Educação desta universidade, durante a realização do I Seminário "Políticas de Ação Afirmativa e Consciência Negra", de 10 a 13 de maio. Foi realizado pelo "Grupo de Estudos Negros".

O Instituto Kuanza esteve presente na festa dos 80 anos de Mãe Stella, zeladora do Axé Opô Afonjá, Salvador, Bahia. O evento encerrou a semana comemorativa do aniversário, de 28 de abril a 2 de maio, marcada por ricos debates e atrações artísticas. Mãe Stella recebeu da UFBA (Universidade Federal da Bahia) o título de *Doutora Honoris Causa*. Ficou uma pulguinha atrás da orelha quanto à constituição da comissão organizadora da semana, composta apenas por homens. A inquietação se dá porque, seguindo o ensinamento de uma mestra de Capoeira Angola, "não deve haver tradição que nos faça cantar os versos de uma música racista". A lição vale para o sexismo: estranhemos que a mulher, geralmente na base de tudo, não possa ter seu nome reverenciado no palco. Não podemos nos calar frente ao que talvez se justifique como a "tradição masculina dos holofotes".

Cidinha da Silva deu palestra sobre o tema "Por que das ações afirmativas?" durante a II Semana de Consciência Negra na Universidade Metodista em São Bernardo do Campo, por ocasião do 13 de maio. A semana, que este ano teve como tema "Abolição para quem" foi promovida pela ONG ABC Sem Racismo, parceira do Instituto Kuanza.

Outra diretora do Kuanza também marcou presença na Semana. Rosane Borges deu palestra intitulada "O negro na mídia: ausência como denúncia." Além dela, participou do debate o jornalista Flávio Carranço.



Formação, intervenção e pesquisa em educação, raça, gênero e juventude

## CAPA

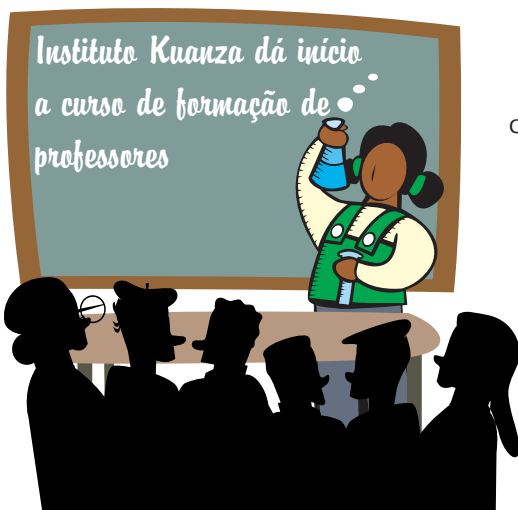


Foto ilustrativa

# Kuanza dá início a curso de formação de docentes

Cidinha da Silva e Rosane da Silva Borges

O curso "Relações Raciais e de Gênero / Educação para a Comunicação", uma parceria do Instituto Kuanza com a empresa Fersol e a Secretaria Municipal de Educação de Mairinque, começou com muito sucesso no auditório da prefeitura, 30 de abril. A abertura foi feita pela secretária de Educação de Mairinque, Cida Medina, que compareceu com toda a sua equipe para dar boas vindas às 86 professoras e quatro professores inscritos no curso. Além de professores(as) de Mairinque, estiveram presentes na primeira aula do curso educadores(as) das cidades de Alumínio, Araçariçama e São Roque.

Conforme dito no editorial, este curso é uma proposta de formação continuada que tem como temática a abordagem das relações raciais e de gênero no cotidiano escolar, com conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira propostos pela Lei 10.639/03 e o tema da educação para a comunicação. O primeiro deles, a abordagem das relações raciais e de gênero, descortina as relações assimétricas entre brancos e negros, homens e mulheres, suscitando novas formas de educar para o assunto. O segundo, conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, é um enfoque fundamental para toda e qualquer proposta educacional que se queira diversa, pois a presença da história negra na grade curricular das escolas é uma iniciativa importante para se incluir no patrimônio cultural a importância do(a) negro(a) para a construção do país.

O terceiro, educação para comunicação, faz cruzamentos entre estas áreas (comunicação e educação), pois parte do entendimento de que os sentidos e significados produzidos pelas mídias possuem uma circulação social expressiva com um papel educativo, revestidos de uma pedagogia própria. Consideramos que é possível, sim, extrair de momentos efetivos de ensinar e aprender, realiza-

dos longe das agências escolares, como é o caso da mídia, a composição pedagógica de que se servem. Por entre a intrincada rede de discursos, ações e situações diárias, vê-se a presença de pedagogias implícitas, e que, portanto, a atitude indagadora poderia descobrir as lógicas de seu funcionamento, a sua consistência sistemático-pedagógica, as intenções das ações educativas.

Esses três eixos serão desenvolvidos ao longo de nove meses com 150 professores(as), colaboradores(as) da empresa e lideranças comunitárias, entre outros(as) gestores(as), sendo uma turma de 90 pessoas no primeiro semestre e outra de 60 no segundo, ligadas às redes municipais de ensino de Mairinque, de Alumínio, Araçariçama e São Roque.

O número total de horas/aula é de 64 estruturadas em aulas expositivas dialogadas, exibição de filmes, debates, apresentações culturais e artística, leitura e produção de pequenos textos.

Conheça algumas expectativas do grupo:

- aprender como enfrentar o racismo
- melhorar cada vez mais a abordagem do tema e multiplicar conhecimentos
- que o curso possa ajudar a enfrentar situações de preconceito e discriminação na sala de aula
- levar para a sala de aula uma nova visão sobre as desigualdades raciais
- poder atuar dentro e fora da sala de aula como mais um formador e informador sobre relações raciais
- buscar capacitação e elementos para difundir um assunto de tanta importância
- informações qualitativas e metodologia dinâmica já que se trata de encontros intensivos de 6 horas
- aprender a acabar com o preconceito que aparecer em sala de aula, pelo menos
- ampliar horizontes, pensar na "raça" humana como única e discutir as diferenças culturais.

Alguns depoimentos dos(as) professores(as) dão o tom do "caldo de cultura" em que eles estão imersos:

- "Na semana que passou uma aluna da 5ª série foi atingida por cascas de melancia e pedras que estavam no chão da escola. Ela chorou e não relatou o fato a ninguém, pois se sentia ameaçada, outra colega é que contou. Ela vive sendo discriminada pela sua cor, por ser órfã e ter um problema de visão"
- "O que acontece com mais frequência é os alunos se dirigirem aos cole-

Gas com termos pejorativos, tais como: "toco de fumo", "negão que passou das seis" etc. Trabalho com adolescentes e esses termos fazem parte do cotidiano escolar, infelizmente"

- "No ano de 2003, na 3ª série, eu tinha uma aluna negra que era discriminada pelos colegas. Era a última a ser "escolhida" nas brincadeiras e nos trabalhos em grupo"

- "Eu estava conversando com outros professores quando afirmei que era negra. Eles ficaram espantados e pediram para que eu não falasse que era negra, e sim moreninha clara"

- "Ah... fazem piada quando o aluno ou aluna negro vai com um penteado diferente"

- "Um grupo de alunos conversava sobre futebol e como um determinado garoto torcia para um time que não era o favorito da turma, alguém disse logo o goleiro do time de vocês é negro"

- "No preenchimento do formulário do censo escolar, uma casal de pais brancos que adotou uma criança negra, não preencheu o quesito cor, alegando que o IBGE não dera uma alternativa na qual a filha deles se enquadrasse"

- "O professor de Matemática, recém integrado na escola, ao entregar os resultados da primeira prova percebeu que uma das melhores alunas era negra e disse: - Maria das Graças Oliveira, é você? Nas entrelinhas percebi que ele dizia: - negra, mas capaz"

- "Volta e meia duvidam da minha formação e de minha alta pontuação na Secretaria, porque sou negra"

- "O próprio professor para se referir a um determinado aluno já usa expressões como: "aquele bem pretinho do canto", "aquele escurinho bagunceiro", "aquele negrinho quieto" ou "aquele bem de cor que não faz nada"

- "O aluno negro que comete algum tipo de indisciplina, principalmente contra um não-negro, geralmente não é ouvido, não tem direito de defesa e é logo caracterizado como "o errado"

- "Nas turmas em que lecionei, nunca presenciei a escolha de um líder de turma negro, mesmo havendo várias lideranças afro-descendentes"

- "Nas escolas de maioria branca em que lecionei mesmo os habitualmente considerados "morenos" eram lembrados pelos colegas que não eram tão bons ou puros, porque possuíam um pé na África"

- "Numa certa escola em que lecionei, havia uma garota que tinha preconceito, mas ela não verbalizava a situação, simplesmente evitava ficar ao lado ou de mãos dadas com crianças negras"

"Um aluno na faixa dos 3 anos chegou até mim e disse: - professora aquela menina pretinha brigou comigo. Eu expliquei e disse: - ela tem um nome, assim como você, se chama Maria. Ele voltou a brincar com ela, brigaram novamente, ele voltou e me disse: - tia, a Maria pretinha brigou comigo".

## Cobertura noticiosa suscita debate público sobre violência

De acordo com a Rits, Rede de Informação para o Terceiro Setor, de 1980 a 2002, 695 mil brasileiros foram assassinados. A taxa de homicídios no Brasil mais do que duplicou nesses vinte e três anos, passando de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes em 1980 para 28,5 homicídios em 2002, índice que coloca o Brasil entre os países mais violentos do mundo. Durante muito tempo, a sociedade e as instituições brasileiras assistiram a esta matança em silêncio. Afinal, as mortes atingem majoritariamente grupos desfavorecidos: jovens do sexo masculino (especialmente na faixa de 15 a 24 anos), na maioria pobres, quase sempre negros e moradores de periferias ou favelas dos grandes centros urbanos.

A partir dos anos 90, diferentes setores da sociedade despertaram para a gravidade do quadro e começaram a desenvolver ações não só de denúncia, mas principalmente nos campos das pesquisas e das experiências de gestão de políticas públicas de segurança. Após a experiência na Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, coordenada pelo sociólogo Luiz Eduardo Soares, em 1999, hoje

observa-se a presença de pesquisadores das áreas das ciências sociais na gestão de políticas de segurança em vários estados. No início da década de 90 também foram criados o Viva Rio, o Afro Reggae e inúmeras outras iniciativas voltadas para responder aos temas da violência nas cidades e nas favelas. O Instituto Sou da Paz, em São Paulo, foi criado em 1999.

No contexto das mudanças mais importantes ocorridas no país para responder aos problemas da violência urbana, está a mídia. Os jornais também responderam a esta nova percepção da problemática da segurança, alterando estratégias de cobertura e pouco a pouco deixando as velhas práticas das reportagens de polícia, quase sempre sensacionalistas e vinculadas à troca de favores com fontes policiais. Os jornalistas que cobrem a área, geralmente ligados às editorias de reportagem local, hoje são mais qualificados e encontram maior reconhecimento de seus colegas, como seria de se esperar de especialistas num dos temas mais candentes do Brasil.

A mudança é fundamental, já que a mídia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no debate



público sobre o tema, influenciando a opinião da sociedade e das políticas de Estado. Na apuração do caso Tim Lopes, nas respostas a rebeliões e casos de corrupção nos presídios, na investigação de denúncias de corrupção policial e, mais recentemente, no processo de mobilização e votação no Congresso do Estatuto do Desarmamento, a mídia foi decisiva na qualidade e rapidez das respostas do governo e da sociedade. A campanha pelo desarmamento pode ser tomada como um paradigma da capacidade da mídia de agendar políticas públicas: com a mobilização da mídia, a iniciativa da sociedade civil obteve rápida aprovação no Congresso e a transformação em política de Estado.

## OIT declara que Brasil possui 25 mil de trabalhadores em regime de escravidão

Fonte: Folha de São Paulo



Trabalhador em regime de escravidão

A OIT (Organização Internacional do Trabalho) divulgou no último 11 de maio o relatório "Uma Aliança Global contra o Trabalho Escravo" no qual afir-

Ma existir 1,3 milhão de pessoas trabalhando em regime escravo na América Latina e Caribe. No Brasil, haveria cerca de 25 mil pessoas sujeitas a essas condições, principalmente no Pará e em Mato Grosso.

Apesar de ser a primeira vez que a OIT divulga um relatório com a estimativa global sobre o tema e de não ser possível afirmar se a ocorrência dessa prática ilegal tem crescido ou não, o principal autor do relatório, Patrick Belser, disse que o Brasil é o país que mais avançou no combate ao trabalho escravo e que seu exemplo foi seguido pela Bolívia, que "reconheceu o problema e criou uma entidade nacional que recomendará normas e medidas

concretas para combater esse tipo de exploração", disse.

A organização destacou o desempenho do governo no combate a essa forma de servidão, afirmando que "o desafio é complementar seus esforços contra a impunidade com estratégias efetivas de prevenção e reabilitação".

De acordo com o levantamento, se no passado o Brasil foi criticado pelo baixo número de processos na Justiça relacionados a crimes de trabalho forçado, "houve uma mudança significativa desde o início de 2003", quando o "governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotou medidas mais fortes para combater o trabalho forçado e a impunidade no Brasil".

